

DISCURSIVIDADES RACISTAS EM IMAGENS E TEXTOS DE IMPRENSA

Racist discursivities in images and texts in the press

Discursos racistas en imágenes y textos de la prensa



Ed Porto Bezerra¹
Vlamir Marques Duarte²
Oriosvaldo de Couto Ramos³
Hélder Paulo Cordeiro da Nóbrega⁴

Resumo

Este texto analisa duas reportagens sobre protestos antirracistas nos Estados Unidos, demonstrando como o conflito entre textos em notícias pode promover estereótipos e comprometer a ética jornalística.

Palavras-chave: Fotografia. Imprensa. Racismo.

Abstract

This text analyzes two reports on anti-racist protests in the United States, demonstrating how the conflict between texts published in the news can promote stereotypes and compromise journalistic ethics.

Keywords: Photography. Press. Racism.

Resumen

Este texto analiza dos reportajes sobre protestos antirracistas en Estados Unidos, demostrando cómo el conflicto entre textos en las noticias puede promover estereotipos y comprometer la ética periodística.

Palabras-clave: Fotografía. Prensa. Racismo.

¹ Doutor; Universidade Federal da Paraíba (UFPB); João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: ed_porto@uol.com.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4772-9870>

² Mestre; Universidade Federal da Paraíba (UFPB); João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: vlamir10@hotmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9034-1770>

³ Mestre; Universidade Federal da Paraíba (UFPB); João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: orycoto@yahoo.com.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7644-7461>

⁴ Mestre; Universidade Federal da Paraíba (UFPB); João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: heldercinema@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6762-5801>

1. Introdução

O ano de 2020 registrou reconfigurações sociais abruptas a nível mundial por eventos que envolveram a sociedade humana numa teia de discussões, forçando os debates e a mudança de atitudes como exemplificado em dois fatos distintos, quanto a sua natureza, sendo eles a pandemia de Covid-19 e os protestos antirracistas nos Estados Unidos.

Em meio ao intenso noticiamento sobre o novo coronavírus, a morte por asfixia de um homem negro durante uma abordagem policial na cidade estadunidense de Mineápolis desencadeou uma série de protestos antirracistas entre o fim de maio e o começo de junho do referido ano, acontecimento liderado pelo movimento *Black Lives Matter* (BLM), em português, vidas negras importam, que teve repercussão mundial e levou pessoas a promoverem manifestações em grandes centros urbanos por todo o planeta.

O fato, amplamente divulgado, chegou aos brasileiros causando a mesma perplexidade e indignação perante as imagens do policial branco ajoelhado sobre o pescoço de um homem negro que, diante da morte iminente, repetia: “*I can’t breath*”; em tradução livre para o português, eu não consigo respirar; frase que se tornou um grito por justiça e igualdade racial por denunciar um dos desequilíbrios entre marcadores sociais que mais afetam a história ocidental, sobretudo nas américas.

O excerto proferido por George Floyd em seus últimos minutos de vida embasou os protestos iniciados em 25 de maio do referido ano e ecoou no mundo inteiro. Entretanto a construção discursiva da imprensa brasileira sobre os protestos aludidos seguiu, basicamente, o caminho da reprodução de material (vídeos e fotos) divulgado através de agências internacionais de notícias.

Quando o discurso da imprensa atravessa a construção da realidade, particularmente ao recorrer a imagens como recurso para contar histórias a quem não vivencia o fato *in loco*, é preciso lembrar-se que estes discursos imagéticos estão edificando saberes e formando opiniões. Assim como as palavras e ações, as imagens provocam consequências.

Nesse sentido, Motter (2001) diz que o conhecimento propagado pela imprensa, “mesmo sendo uma fonte secundária para o historiador, sua esfera de influência assegura-lhe a primazia sobre outras fontes de conhecimento que permanecem distantes do grande público” (MOTTER, 2001, p. 11).

O presente estudo objetiva refletir sobre a construção de sentidos em conteúdos compartilhados subjetivamente através de imagens em matérias jornalísticas, tendo como objetos concretos duas matérias publicadas pelo site brasileiro de notícias G1 sobre os protestos antirracistas no ano de 2020, nos Estados Unidos.

Desse modo, diante da multiplicidade de interlocuções com vicissitudes sociais e culturais promovidas pelas discursividades no objeto deste recorte, questiona-se o seguinte: é possível identificar estereótipos de racismo no cerne dos discursos textuais, escritos e fotográficos, em um contexto jornalístico? Ao propor esta investigação, leva-se em consideração a consciência prévia de que os processos que envolvem a leitura dependem de repertórios particulares.

A partir da relação entre o texto verbal e não-verbal no conteúdo jornalístico analisado, evidencia-se o embate entre os discursos na construção da prática da leitura midiática e a intercessão entre mídia e racismo. Para tanto, adota-se ao método de Análise de Conteúdo, de Bardin (2000), por tratar-se de uma técnica de análise apropriada à investigação das mensagens nos processos comunicacionais. Segundo a autora, a técnica de investigação é caracterizada por “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter [...] indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2000, p. 42).

Acredita-se que explorar a multiplicidade de significações contidas em narrativas jornalísticas, escritas e imagéticas, perpassadas por temas como o racismo, preconceito, violência e discriminação, requer o uso de um método analítico consolidado que forneça sustentação para a compreensão das linguagens e suas implicações.

Toma-se como arcabouço teórico os estudos sobre constituição e percepção da imagem (AUMONT, 1993); a construção da realidade pelo discurso da imprensa (MOTTER, 2001); reflexões sobre notícia virtual (ZUTIM, 2009) e os conceitos sobre letramento midiático de Rodrigues (2014), a fim de construir reflexões sobre os sentidos produzidos a partir dos registros fotográficos. Tais

abordagens, em suas concomitâncias, reverberam em uma reflexão acerca da ética jornalística no que diz respeito à composição das notícias, visando contribuir para a erradicação de práticas discursivas que reforcem preconceitos e estereótipos.

Na sequência, para uma melhor fluidez textual e visando a compreensão do leitor, estrutura-se o trabalho nas seguintes seções: na primeira, esboça-se com mais ênfase a motivação desse estudo, traçando um breve panorama sobre a relação entre imprensa e racismo, sua construção ao longo do tempo e como ela se situa na atualidade. Na seção dois, expõe-se as discussões teóricas, nas quais apresentamos as compreensões dos estudiosos sobre as significações e implicações das imagens na dinâmica social e cognitiva. Na terceira seção, apresenta-se a análise do objeto concreto – duas matérias jornalísticas publicadas online respectivamente nos dias 31 de maio e 3 de junho, ou seja, o recorte temporal relativo aos protestos antirracistas supracitados – do qual coletamos o material escrito e fotográfico concernentes à discussão proposta, trazendo reflexões sobre a intercessão entre ética, imprensa e racismo. Por fim, traz-se nas considerações finais uma argumentação crítica dos resultados.

2. Breve panorama acerca da relação imprensa e racismo na atualidade

Partindo-se da dicotomia entre texto e imagem em discursos de imprensa, cujos parâmetros de construção de notícias parecem, muitas vezes, heranças jornalísticas análogas aos conteúdos da imprensa da época da escravidão, faz-se preciso pensar o jornalismo como prática social de estratégias antirracistas, bem como espaço para um debate público e multimodo sobre as relações raciais, nas quais as imagens desempenham papel basilar na construção de sentidos.

Em matéria publicada pelo site *Pressform* no dia 12 de junho de 2020, durante os protestos antirracistas nos Estados Unidos, o debate sobre a ética dos profissionais de imprensa estadunidense foi trazido à tona em questionamentos acerca da cumplicidade do jornalismo com a desigualdade racial, como constatado no excerto subsequente:

Uma onda de críticas e demissões pela cobertura de protestos a favor do movimento Black Lives Matter ocorreu na semana passada, com acusações crescentes de que jornalistas negros não recebem o mesmo tratamento que seus colegas brancos em muitos meios de comunicação americanos. O editor das páginas de opinião do jornal The New York Times pediu demissão após a publicação de uma coluna escrita por um senador dos EUA, que pediu a mobilização dos militares nos protestos. O editor-chefe do jornal Philadelphia Inquirer também renunciou após a indignação causada pela manchete "Os edifícios também importam", referindo-se aos danos causados pela violência nos protestos. (PRESSFORM, 2020: online).

No Brasil, jornalistas também apontam posicionamentos racistas de colegas da imprensa, como demonstrado por Cecília Oliveira no site *The Intercept* Brasil, em matéria na qual ela denuncia o racismo em duas instituições jornalísticas brasileiras. Segundo Oliveira (2020), durante a cobertura dos protestos antirracistas estadunidense, os comentários feitos por âncoras da Globonews e CNN Brasil revelaram “a distância social e racial entre quem vive o racismo e quem o noticia” (OLIVEIRA, 2020, online).

Ainda de acordo com a mesma autora, no primeiro dia das manifestações protagonizadas pelos ativistas do BLM, em Nova York, enquanto mostrava imagens intercaladas pelas cenas do policial branco ajoelhado sobre o pescoço do homem negro, a jornalista da Globonews, Leila Sterenberg, teria assim descrito os fatos: “A gente não sabe por que motivo, se ele estava tentando roubar alguém. A gente não tem os detalhes” (OLIVEIRA, 2020, online).

Fato semelhante foi verificado por Oliveira (2020, online) também na CNN Brasil que, ao escalar o jornalista William Waack para cobrir os protestos, gerou indignação entre internautas que rememoraram a demissão do jornalista em 2017, então funcionário da Rede Globo, após ser flagrado fazendo uma piada racista. Além disso, a legenda usada pela CNN Brasil para descrever o que estava acontecendo dizia *morte de negro* (Figura. 1).



Figura 1 - Waack e o grafismo contendo ‘morte de negro’ na CNN Brasil. Imagem: captura de tela. Fonte: The Intercept Brasil.

A representatividade de pessoas negras na imprensa brasileira, iniciada em um passado recente por profissionais como Glória Maria, Heraldo Pereira e Zileide Silva, na atualidade se encontra respaldada por nomes como Maju Coutinho – à frente do Jornal Hoje, da Rede Globo – e Flávia Lima – *ombudsman* do jornal Folha de São Paulo – dentre outros. Tais presenças profissionais ainda são exceção em uma área predominantemente protagonizada por pessoas brancas, mesmo em um país onde mais de 55% da população se autodeclara preta ou parda⁵.

Entretanto, a intercessão entre imprensa e racismo no mundo, visto que este é um fenômeno que merece abordagem transnacional, vai além da representatividade e envereda pela forma como pessoas negras são representadas – quando são – pelos veículos de comunicação.

⁵ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2018.

No Brasil, o Estatuto da Igualdade Racial (EIR), de 2010, traça as diretrizes para coberturas jornalísticas de assuntos relacionados a raça e possui capítulo sobre os meios de comunicação que prevê a redução da “discrepância de visões nas abordagens jornalísticas – e do racismo” (OLIVEIRA, 2020, online).

Em outras palavras, existem recomendações direcionadas aos profissionais brasileiros de imprensa sobre como proceder diante da questão racial. Então, é justo indagar o porquê das construções de discursos discrepantes em relação à raça, como os demonstrados no decorrer deste escrito.

Em sua dissertação de mestrado em História, que investiga o discurso sobre negros na imprensa baiana entre os anos de 1888 a 1937, a pesquisadora Meire Lúcia Alves dos Reis nos supre com informação sobre a ligação entre as imprensas do Brasil e dos Estados Unidos, necessária ao nosso trabalho como resposta à lacuna cronológica que conecta a replicação de texto e imagem de notícias estadunidenses pela imprensa brasileira, como verificado nas duas matérias objeto de nossa pesquisa, o que também levanta questões sobre o quanto ainda estamos sob a influência estrangeira e quanto ainda ignoramos o problema racial em nossas fronteiras.

Após a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos passaram a conquistar mais espaço na América Latina, impondo-se enquanto modelo de progresso, organização política e civilização, ao mesmo tempo que era duramente criticado pelos periódicos baianos por manter uma prática segregacionista entre brancos e negros. Por outro lado, no Brasil reafirmava-se a ideia de que não havia imposição de limites ao desenvolvimento do negro na sociedade. Quando os jornais reportavam-se a problemas raciais tinham em vista sempre outros países, dificilmente o Brasil. Assim, era construída uma imagem de sociedade não preconceituosa. Podemos pensar em duas imagens, a do paraíso racial instalado no Brasil, e a do inferno racial nos Estados Unidos (REIS, 2000, p. 30).

Silva e Rosenberg (2008) estudam o discurso racial na grande imprensa brasileira e, segundo esses pesquisadores, percebe-se que “nos jornais, o negro permaneceu, em geral, circunscrito às editoriais policial, relacionado à criminalidade; de esporte, principalmente no futebol e no atletismo; de cultura, em geral, cantores e músicos”. (SILVA e ROSEMBERG, 2008, p. 92).

A figura do negro, em sua maior parte, aparece relacionada ao entretenimento do homem branco, uma herança jornalística brasileira que tem suas bases históricas nos tempos da escravidão, em que os jornais se dedicavam a anúncios de fugas, compra e venda de escravos, como descrito pelo sociólogo Gilberto Freyre⁶.

3. Construtos imagéticos

As interpretações do que se vê transitam pelo repertório de cada espectador, gerando conclusões distintas a depender de fatores culturais, sociais e níveis de letramento. Isto posto, inferimos, sustentados pelo pensamento do teórico de Aumont (1993) que, quando uma imagem é lida, ela constitui um processo linguístico, o que torna o espectador / leitor “parceiro ativo da imagem, emocional e cognitivamente (e também como organismo psíquico sobre o qual age a imagem por sua vez)” (AUMONT, 1993, p. 81).

O conteúdo simbólico de uma imagem torna o leitor participante e constituinte da mensagem que ela transmite através da Constância Perceptiva, definida pelo autor anteriormente mencionado como uma “comparação constante que fazemos entre o que vemos e o que já vimos” (AUMONT, 1993, p. 82), o que torna a imagem um fenômeno ligado à imaginação.

Ainda em acordo com o pensamento de Aumont (1993, p. 78), as imagens são sempre produzidas com alguma finalidade (propaganda, informativa, religiosa, ideológica, etc.), funcionando como elemento de ligação entre o espectador e a realidade. Destaca-se que se entende ideologia enquanto ideias sobre determinada ordem social cujo ponto de vista do autor tende a explicar o mundo que o cerca.

Teoricamente, a imparcialidade – ou neutralidade – seria o fundamento primordial a qualquer veículo de comunicação. No entanto, sabe-se que os discursos emanam relações de poder, direta ou indiretamente, através de códigos que buscam o convencimento da verdade. Sobre isto, Zutim (2009) afirma que os códigos imagéticos em uma mesma matéria jornalística, por exemplo, elaboram

⁶ Freyre, Gilberto (1979). O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX. São Paulo, Ed. Nacional Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

uma linguagem que pode ter finalidade “ideológica, de manipulação, de intimidação ou de opressão. Contudo, surge, também, como possível facilitadora do resgate da sensibilidade do olhar diante da vida” (ZUTIM, 2009, p. 34).

Desse modo, baseado no exposto até aqui, deduz-se que a leitura do imagético, mesmo sendo um evento linguístico íntimo, pode ter sua interpretação suggestionada ou conduzida, modelando seu entendimento. A assertiva de que sempre há uma intencionalidade na produção e veiculação das imagens através de códigos visuais que conduzem a leitura encontra respaldo nos estudos de Rodrigues (2014) acerca do letramento midiático:

Podemos entender alfabetização como o aprendizado das bases de uma linguagem e letramento como o aprendizado das práticas sociais simbólicas, das quais nos utilizamos a partir do uso fluente da língua. O mesmo acontece com a leitura de uma imagem vinculada na mídia. Por exemplo, quando vemos uma propaganda na televisão, não paramos para analisar que cores são utilizadas, o arranjo das figuras no espaço, o número de figuras e etc.: esses pontos estão ligados a uma alfabetização imagética. (RODRIGUES, 2014: 93).

Com base no raciocínio do autor mencionado, estabiliza-se a necessidade de alfabetização imagética sugerida como um escudo protetor às leituras equivocadas ou manipulações ideológicas propagadas por meios de produção e distribuição de narrativas. O imagético e o texto escrito devem ser complementos mútuos e não arena de embate em um discurso, visando, assim, a eficiência compreensiva da história que se quer contar.

Dessa forma, situar o imagético – particularmente em notícias virtuais, uma área jornalística em expansão – na intercessão entre imprensa e racismo, conduz à necessidade da alfabetização imagética como prática de combate ao discurso estereotipado, que por sua vez combaterá violências simbólicas e o senso de subcidadania que permeia a comunidade negra em vários países ocidentais desde a abolição da escravatura.

A anuência da imprensa neste processo, que propaga a marginalização social do negro ao favorecer a replicação de estereótipos, pulveriza as ações de enfrentamento ao racismo por sustentar um imaginário que reserva aos negros a periferia social. A inserção social do negro não está somente na cor, mas na inadaptação social promovida por estruturas e instituições de poder (SOUZA, 2003).

Segundo o sociólogo Jessé Souza (2019), em seu livro *A Elite do Atraso*, o culturalismo racista impregna a noção de sociedade que se estabelece em países como o Brasil e Estados Unidos, nos quais a escravidão esteve presente na formação de instituições como a família, política, justiça e economia. Esta lógica colonialista, segundo o autor, continua interferindo na dinâmica social ao subjetivar um regime socioeconômico que reconhece determinados sujeitos como *pessoas* e outros como *coisas*, sendo as *coisas* submetidas a relações degradantes e situações de violência culturalmente naturalizadas.

4. Práticas discursivas estereotipadas

A divulgação de um vídeo desencadeou a série de protestos antirracistas nos Estados Unidos e mundo a fora, entre maio e junho de 2020. A cena (Figura 2) do policial branco, Derek Chauvin, ajoelhado sobre o pescoço do homem negro, George Floyd, fez reemergir o sentimento de revolta que permeia a luta por igualdade racial na comunidade negra daquele país, cujo histórico de ativismo racial remonta a quase duzentos anos de movimentos políticos, mobilizações e resistência organizada contra a escravidão, opressão e desigualdade social.



Figura 2 - Derek asfixia George. Foto: Darnella Frazier. Fonte: AFP/G1.

Dentre os principais expoentes desta história de luta cita-se William E. B. Du Bois, Rosa Parks, Elaine Brown e Martin Luther King Junior, o mais célebre dos ativistas raciais dos Estados Unidos, por ter vencido o prêmio Nobel da paz, em 1964 em virtude do seu combate ao racismo. Seu assassinato, no ano de 1968, gerou manifestações em várias cidades estadunidenses.

Os protestos de 2020, que uniram ativistas negros e brancos contra o racismo, são ecos de um embate histórico que tem promovido marchas e protestos contra o uso de violência policial, leis discriminatórias e desigualdades sociais que afligem a comunidade negra estadunidense. Na contemporaneidade, o ativismo antirracista nos Estados Unidos tem a liderança do BLM, cuja atuação no espaço virtual tem promovido o engajamento internacional à causa.

A cobertura fotojornalística, que registrou e construiu a história destes protestos do nosso tempo ao divulgar para o resto do mundo o que estava ocorrendo nos Estados Unidos após a morte de George Floyd, compôs a narrativa por meio de retratos de jovens, negros e brancos, nas ruas, clamando por justiça e igualdade racial, estampando capas de jornais, sites e telejornais do planeta.

Registrada em uma época na qual o compartilhamento da informação é oportunizado em tempo real, a cena da morte de Floyd foi difundida e espalhou um senso de repreensão diante da brutalidade ocorrida pelo racismo estrutural na sociedade estadunidense.

3.1 – Análise da Reportagem 1

O portal brasileiro de notícias G1, braço jornalístico na internet do Grupo Globo, com grande alcance entre os internautas do Brasil⁷, foi um dos que noticiou os protestos através de várias matérias ilustradas com farto repertório fotográfico, narrando aos brasileiros o desenrolar dos fatos. Por exemplo, no dia 31 de maio, o portal publicou a manchete: “Após início pacífico, jornada de protesto nos EUA tem novas cenas de violência” (G1, 2020a, online), cujo subtítulo era o seguinte: “Manifestações se espalharam pelo país após morte de George Floyd em ação policial. Atos começaram pacíficos, e, ao anoitecer, houve violência em algumas cidades” (G1, 2020a, online).

O texto da matéria elenca uma série de acontecimentos violentos como tumultos, confrontos e mortes, citando o jornal *The New York Times* como fonte das informações. Entretanto, a linguagem imagética inserida na reportagem (Figura 3) conta uma história diferente, apresentando fotos que distanciam e distinguem a participação das pessoas nos protestos a partir de sua raça.

⁷ Segundo levantamento da ComScore de 2018, o portal G1 é líder na categoria notícias, acumulando 3,1 bilhões de visitas e 56 milhões de visitantes únicos ano de 2018. Página consultada a 26.06.2021 em <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2018/11/26/grupo-globo-bate-recorde-de-acessos-no-digital-e-passa-de-100-milhoes-de-usuarios-unicos.ghml>.



Figura 3 - Durante o dia, pessoas brancas depositam flores. Foto: John Minchillo. Fonte: AP Photo.

Observando a frase “Atos começaram pacíficos, e, ao anoitecer, houve violência em algumas cidades” (G1, 2020a, online), percebe-se uma inconsistência discursiva. Enquanto o período diurno do ocorrido, relativo ao início pacífico dos atos, foi representado fotograficamente por pessoas brancas depositando flores no lugar onde Floyd foi morto, o anoitecer, momento em que os atos se tornaram hostis, a narrativa fotográfica apresenta a violência por meio de imagem de pessoas negras. (Figura 4).



Figura 4 - Em período noturno, pessoas negras promovem barricada. Foto: Jonathan Ernst. Fonte: REUTERS.

A metodologia de análise adotada prevê que após uma exploração do material deve-se partir à interpretação dos resultados. Segundo Bardin (2000), esta interpretação poderá “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor” (BARDIN, 2000, p. 133).

Isto posto, inferimos que a tradução imagética de um ato antirracista na reportagem 1 é feita por retratos que reforçam preconceitos ao associar pessoas negras a estereótipos de barbárie, incivilidade e violência, enquanto pessoas brancas foram retratadas pela comoção com que aderiram às manifestações. Ainda assim, não podemos afirmar que este tenha sido o propósito do portal de notícias, afinal, mesmo na foto noturna escolhida para ilustrar os atos de vandalismo, se percebem pessoas brancas, muito embora a centralidade da fotografia enquadre um homem negro em meio a vultos escuros em contraluz.

3.2 – Análise da Reportagem 2

Na segunda matéria da nossa análise (G1, 2020b, online), publicada no dia 03 de junho de 2020, encontramos a foto do abraço entre o chefe do departamento de polícia da cidade de Nova York, Terence Monahan, e um ativista anônimo (Figura. 5), em um flagrante classificado pelo portal G1 como demonstração de apoio dos policiais aos protestos antirracistas.



Figura 5 - Policial branco abraça homem não branco, a legenda ignora o nome do negro. Foto: Craig Ruttle. Fonte: AP Photo.

O texto-legenda da foto traz nome e sobrenome do policial branco, enquanto a identidade do ativista negro é ignorada. Além disso, o privilégio de ter o rosto estampado como símbolo do ato de paz é do homem branco.

A inferência analítica, proposta pela metodologia da Análise de Conteúdo, conduz ao entendimento de que, no discurso imagético da reportagem 2, a figura retratada – um policial homem e branco (Figura. 5) – simboliza a ordem, cuja idade remete à ideia de um *paternalismo patriarcal* no qual o arquétipo da América caucasiana, de origem europeia, abraça e cuida de todos os seus filhos indiscriminadamente, induzindo à crença de que a morte de George Floyd foi um fato isolado, realizado por um tipo de policial jovem, inexperiente e delinquente.

Nesse sentido, por corroborar com a análise realizada, apresenta-se o pensamento de Zutim (2009) ao dizer que “A fotografia desnuda o ser humano, tanto aquele que fotografa quanto aquele que é fotografado, à medida que revela seus pensamentos, seus sentimentos e suas tendências” (ZUTIM, 2009, p. 50).

A leitura de mundo, elaborada como consequência das imagens nas notícias, concebe verdades especialmente nos tempos atuais em que o imagético se configura como um importante meio de informação. Esta afirmação é corroborada por Bosi (1988), ao dizer que “Os psicólogos da percepção são unânimes em afirmar que a maioria absoluta das informações que o homem moderno recebe lhe vem por imagens. O homem de hoje é um ser predominantemente visual” (BOSI, 1988, p. 65).

As imagens, elementos textuais carregados de informações e significações com imediata afetação sobre as cognições, não devem contradizer a chave de leitura fornecida pela camada escrita que compõe a narrativa jornalística, para que discordâncias não confundam o leitor ao subjetivar entendimentos. Pelo contrário, devem confirmar a informação.

Considerações finais

Através das histórias, o ser humano compreende a si mesmo, bem como a sociedade na qual está inserido, local e globalmente. Aprender a ler o que é contado pelos diversos meios de produção e distribuição de narrativas reivindica a aquisição de conhecimentos e discernimento em um mundo cuja velocidade de acontecimentos e a exposição desses fatos ganha múltiplos agentes transmissores e retransmissores, de imagens e textos, que moldam os valores das estruturas cognitivas dos sujeitos.

A centralidade do imagético no cotidiano deve ser percebida como componente que atua diretamente no tecido social, influenciando na constituição do capital cultural e comportamental das pessoas. Neste aspecto, a alfabetização imagética surge como um processo educativo necessário – e urgente – não só para os leitores de notícias, mas, também, para os profissionais de imprensa, que lidam com este tipo de material na produção de informação.

O cuidado com as práticas discursivas deve se estender às imagens ilustrativas, compreendendo que elas, enquanto elemento constituinte da narrativa, são capazes de contar uma história por si só, agregando valor ou alterando a informação veiculada.

Nas matérias analisadas, que noticiaram os protestos antirracistas estadunidenses, fica evidente que as imagens reforçam estereótipos racistas ao expor diferentes retratações de pessoas brancas e não brancas, segregando-as em características representativas como solidariedade e indisciplina. Esta alteração compreensiva do discurso, promovida pelo imagético ainda que subjetivamente, pode deslegitimar as manifestações ao atribuir aos atos protagonizados por pessoas negras o senso de rebeldia e violência, enquanto enaltece a benevolência das pessoas brancas.

Longe da intenção de apenas repetirmos o discurso de que há uma tendência midiática de apresentar pessoas negras sob identificações negativas, questiona-se o papel das notícias e dos profissionais que as produzem na prática de relacionar a temática racial à criminalidade, quiçá pelo imediatismo que se exige do jornalismo diário. Nesse sentido, faz-se imprescindível a revisão ética e a alfabetização imagética não só para os leitores de notícias, mas, sobretudo, para os profissionais de imprensa, produtores dessas discursividades.

A negligência noticiosa e o racismo discursivo, intercessão evidenciada na análise das duas matérias jornalísticas deste trabalho, exemplifica empiricamente como os mecanismos linguísticos assumem tons discriminatórios, por displicência ou ideologia, retomando a lógica colonial escravagista que inferioriza cidadãos a partir do marcador social, raça. Desta forma, considera-se que o assunto *racismo*, quando pautado pelos meios de comunicação, seja considerado como uma oportunidade de desconstrução de ideias hostis e promova o engajamento jornalístico à causa antirracista.

Por fim, espera-se que este estudo venha a contribuir para o debate acerca do racismo apresentado em narrativas de matérias jornalísticas, oportunizando o entendimento da necessidade de não ignorar a ética jornalística numa logística que só observa as urgências de produção de conteúdo dos fatos, atentando para não se reafirmar discursos racistas, homofóbicos, misóginos, excludentes e antidemocráticos.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, J. (1993). *A imagem*. Campinas/SP: Papirus. Tradução: Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro.
- BARDIN, L. (2000). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: edições 70.
- BOSI, A. (1998). Fenomenologia do olhar. In: Adauto Novaes (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- G1 (2020a). Após início pacífico, jornada de protestos nos EUA tem novas cenas de violência. Página consultada a 13.06.2021 em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/31/eua-tem-nova-jornada-de-protestos-contr-o-racismo-cidades-prolongam-toque-de-recolher.ghml>.
- G1 (2020b). Mais de 9 mil são presos em oito dias de protestos contra o racismo nos EUA. Página consultada a 13.06.2021 em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/03/oitavo-dia-de-protestos-contr-o-racismo-nos-eua-e-mais-calm.ghml>.
- MOTTER, M. L. (2001). *Ficção e história: imprensa e construção da realidade*. São Paulo/SP: Villipress.
- OLIVEIRA, C. (2020). Comentários racistas na cobertura dos protestos antirracistas na CNN e GloboNews. The Intercept Brasil. Consultado a 15.06.2020 em <https://theintercept.com/2020/06/02/comentarios-racistas-protestos-antirracistas-cnn-globonews/>.
- PRESSFORM (2020). Cobertura de protestos antirracismo traz reflexões às redações dos EUA. Página consultada a 12.06.2021 em <https://pressfrom.info/br/noticias/mundo/-136391-cobertura-de-protestos-antirracismo-traz-reflexoes-as-redacoes-dos-eua.html>.
- REIS, M. L. (2000). À cor da notícia: discursos sobre o negro na imprensa baiana, 1888-1937. *Dissertação* (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA.
- RODRIGUES, W. (2014). Letramento imagético e midiático em arte-educação. *Revista Conhecimento & Diversidade*, 12, 90–101.
- SILVA, P. V. B.; Rosemberg, F. (2008). Lugares de negros e brancos na mídia. In: Dijk, Teun A. van (org). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto.

SOUZA, J. (2003). *A construção social da subcidadania: por uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.

_____. (2019). *A elite do atraso*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

ZUTIM, S. (2009). Notícia virtual: um olhar sobre a linguagem imagética. *Dissertação* (Mestrado). Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP.